

GRAMATICALIZAÇÃO E AUXILIARIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO 'GAA...GO' DO DIALETO SUÍÇO ALEMÃO

Silvio Domingues dos Santos*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo uma análise do processo de gramaticalização do verbo *gaa* (ir) do dialeto suíço-alemão (*schwiiizerdütsch Dialekt*), falado na Suíça germanófono. Tendo em vista os postulados teóricos da Gramaticalização (BYBEE, 2003; HEINE (1993) e HOPPER e TRAUOGOTT, 1991, dentre outros), o propósito do estudo é mostrar que o verbo *gaa*, além de atuar como verbo de movimento, pode ser também usado como marcador de futuridade no dialeto suíço-alemão, tornando-se, pois, mais gramatical e mais abstrato, razão pela qual tal fenômeno é tratado aqui como um caso de gramaticalização. Para tanto, recorreremos aos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) para descrever o comportamento funcional do verbo *gaa* e, assim, comprovar a existência de um processo de gramaticalização em andamento.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; futuridade, auxiliarização, verbo *gaa*.

Introdução

A gramaticalização é uma teoria de mudança linguística que, segundo Meillet (1912), um dos primeiros a usar o termo, consiste na mudança de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical. Este processo envolve a atribuição de caráter gramatical a uma palavra antes autônoma, em razão de necessidades comunicativas por parte dos falantes. Trata-se, pois, de um fenômeno de mudança linguística que constitui, segundo Traugott e König (1991), um processo dinâmico e unidirecional, em que um item lexical ou uma construção (conforme Traugott, 2003) adquire um estatuto gramatical/ mais gramatical.

Durante a segunda metade do século XX viu-se uma redução de pesquisas no campo da gramaticalização devido às ideias estruturalistas em voga na época e que não levavam em conta processos diacrônicos – como ocorre na gramaticalização – mas sim sincrônicos, em suas pesquisas. No entanto, o crescimento de pesquisas envolvendo o discurso e universais linguísticos na década de 1970 motivou novamente o crescimento das pesquisas em gramaticalização. Em se tratando de pesquisas em universais linguísticos, percebeu-se que alguns processos de gramaticalização (GR) apresentavam recorrências em muitas línguas não

* Silvio Domingues dos Santos, mestre em letras – estudos lingüísticos, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, silviodomingues@hotmail.com

relacionadas familiarmente ou geograficamente. A GR de verbos de movimento como marcadores de futuridade é um dos exemplos dessa recorrência.

O uso do verbo ‘ir’ ou ‘vir’ como marcador de futuridade é encontrado em línguas ameríndias, latinas, germânicas e, de acordo com Bybee (2010), também há casos em línguas faladas na África e Ásia. Segundo Bybee, a explicação para tais recorrências é o fato de que muitos dos mecanismos básicos envolvidos nesse processo levem-se a processos cognitivos, algo não restrito à línguas particulares. Linguistas como Heine (1993) e Traugott e Dasher (2002) apontam para um mecanismo cognitivo muito presente no processo de GR, a metaforização. Segundo Lakoff e Johnson (1980) a metaforização pode ser entendida como a transferência de um domínio concreto para um domínio mais abstrato, ou no caso de verbos de movimento a transferência de sentido de espaço para tempo: ESPAÇO>TEMPO.

Entendemos que mais uma ocorrência desse processo de GR de verbo de movimento esteja em desenvolvimento no dialeto Suíço-alemão. Dialeto de grande prestígio para a comunidade germanófona da Suíça, o suíço-alemão ou *schwizerdütsch* (ou ainda em outros dialetos *schwyzertüütsch*, *schwyzerdütsch*) é, segundo Keller (1961), um nome artificial para o dialeto germânico denominado Alemânico, que se estende por áreas como Baden Württemberg, Voralberg (Áustria), Liechtenstein e toda região germanófona da Suíça. O dialeto suíço-alemão não possui escrita padrão, porém, há uma certa convenção entre os falantes na escrita do dialeto; pode-se observar que a escrita da língua alemã padrão também possui muita influência na escrita do dialeto. Há produções musicais, literárias e também programação de TV da Suíça germanófona com grande parte da programação voltada para falantes do dialeto.

Como afirma Keller (1961), o dialeto apresenta uma característica muito peculiar, não encontrada em nenhum outro dialeto da região germânica, nem mesmo na língua padrão, a construção *gaa...go* (verbo *ir* mais partícula *go*). Essa construção típica do dialeto tem como origem o uso de um verbo de movimento ‘*gaa*’ (ir) mais uma preposição gramaticalizada (*gen>ge>go*), que tinha como finalidade inicial a indicação de movimento rumo a um local. Assim como muitos casos de verbos de movimento, essa construção passou a transmitir a ideia de ‘ir rumo a um local para a realização de determinada tarefa’. A partir do momento em que o verbo passa a exercer função instrumental, de auxiliar, enfatizando a realização de determinada tarefa, pode-se identificar um processo de GR do verbo de movimento como marcador de futuridade. Como podemos observar nos exemplos abaixo, há diferença na função do verbo em (1.a) em relação a função que exerce em (1.b). Podemos dizer que o primeiro exemplo demonstra o verbo em sua forma plena, enquanto o verbo usado no segundo

exemplo aparenta ter um domínio mais funcional, perdendo a função semântica de verbo pleno. A partícula que é um elemento gramaticalizado, também perde função semântica na segunda sentença, tornando-se assim parte de um conjunto, ou seja, parte da construção ‘*gaa...go+infinitivo*’.

(01) jetzt gang-i i Hei go ässe.
ADV ir-1SG PREP casa PREP comer.INF
‘agora vou para a casa (para) comer’

(02) gang mini freiziit viel gschide-r go nutze
1SG.Ir POSS Tempo livre ADV inteligente-mais PART aproveitar.INF
‘ Vou aproveitar meu tempo livre mais inteligentemente’

Conforme Bybee (2010), “as construções semânticas de “movimento em direção a” implicam movimento no tempo e no espaço tornando a transição para o futuro mais fácil”. Assim presume-se que a construção *gaa...go*, objeto desse estudo, segue um mesmo destino de construções como ‘*be going to*’, ‘*ir a*’, ou seja, construções que se iniciaram com o verbo na forma plena e que passaram, num dado momento da língua, a exercer outras funções gramaticais, sendo assim consideradas formas gramaticalizadas.

Em vista do exposto, destacamos a seguir, os objetivos da pesquisa:

a) analisar o processo de gramaticalização do verbo *gaa* (ir) no dialeto suíço-alemão, bem como os aspectos cognitivos da linguagem para explicar o processo de gramaticalização da construção *gaa...go*;

b) Verificar as classes semânticas dos verbos encontrados como verbos principais nas sentenças as quais ‘*gaa*’ é auxiliar.

c) Averiguar o grau de auxiliarização do verbo *gaa*;

d) Aplicar os princípios de gramaticalização de Hopper (1991) à construção ‘*gaa...go*’.

O propósito da pesquisa é analisar os contextos em que o verbo ‘*gaa*’ é usado e as classes semânticas dos verbos por ele auxiliado, com vistas a elucidar o processo de mudança linguística atrelado ao verbo ir (*gaa*) e a partícula ‘*go*’. Uma análise dos verbos auxiliados é de extrema importância visto que a auxiliarização apenas de verbos de ação poderia caracterizar, conforme Heine (1993), contextos de ambiguidade, ou seja, a construção poderia

ser apenas uma forma de deslocamento para realização de determinada tarefa. Nesse contexto, além de observar o processo de GR desse verbo, investigaremos também os fatores funcionais determinantes do processo.

A hipótese que se tem é de que o verbo *gaa* (ir) passou a exercer a função de marcador de futuro a partir da expansão funcional do verbo de movimento *gaa*, e passa também a ser usado com outros verbos não relacionados exclusivamente a construções locativas (mas sim a ações diversas). Trata-se, pois, de um fenômeno de mudança linguística que constitui, segundo Traugott e König (1991), um processo dinâmico e unidirecional, em que um item lexical ou uma construção (conforme Traugott, 2003) adquire um estatuto gramatical/ mais gramatical.

1. A Gramaticalização

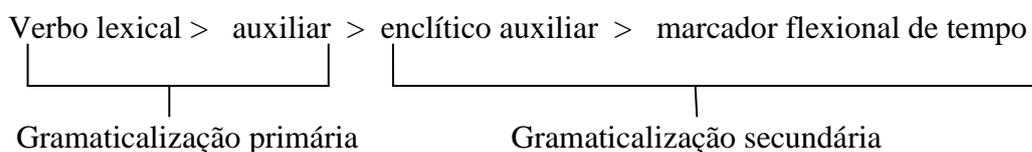
Para Hopper e Traugott (1993), o termo GR possui dois significados, um para um quadro de investigação no âmbito do qual se explicam fenômenos da linguagem e o outro voltado para os fenômenos em si. Nesse contexto, a GR trata do estudo de mudanças da língua em que um item lexical ou construção passa, em certos contextos, a desempenhar uma função gramatical (ou, se já gramatical, passa a desempenhar funções ainda mais gramaticais). Os linguistas também apontam para o fato de que frequentemente ‘palavras funcionais’ (*function words*) têm suas origens em palavras de conteúdos (*content words*).

O processo de GR pode ainda ser entendido em dois sentidos: primário e secundário. Os termos foram introduzidos por Traugott (2002) e se referem basicamente a dois tipos de mudanças identificadas na definição de Kuryłowicz¹ (1965): “Gramaticalização consiste no aumento de extensão de um morfema que avança de um status lexical para gramatical ou de gramatical para ainda mais gramatical”. Traugott argumenta que a primeira parte da definição de Kuryłowicz refere-se a um sentido primário (*primary grammaticalization*) de GR, processo pelo qual categorias lexicais e construções com materiais lexicais desenvolvem, em específicos contextos morfossintáticos, em GRAMS (funções gramaticais), isto é, tornam-se membros de categorias funcionais, incluindo marcadores de tempo e aspecto. Em suma, a GR primária tem sido usada para se referir as mudanças de um item lexical para um item gramatical.

¹ Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a grammatical to a more grammatical status. (Kuryłowicz 1965: 52).

Nesses sentidos propostos por Traugott, para a autora Givón (1979) e Heine (1991) concebem o processo de GR no sentido secundário (*secondary grammaticalization*) que diz respeito a um aumento nas correlações formais de GR como fusão morfológica e erosão fonética. Dessa forma a gramaticalização secundária é entendida como a passagem de um item gramatical para um item ‘mais gramatical’. Um exemplo de GR secundária é quando auxiliares tornam-se cliticizados (*will – ’ll*).

De acordo com Norde (2012:06) GR primária e secundária podem formar uma gramaticalização em cadeia, como podemos observar na figura a seguir:



1.1. Os princípios de Hopper

Hopper (1991) propôs seis princípios que permitem avaliar/aferir o grau de GR de itens linguísticos que se encontram em um processo inicial de gramaticalização. Segundo o linguista esses princípios complementam os parâmetros de Lehmann, os quais são normalmente utilizados em análises de processos mais avançados de GR. Vejamos:

Estratificação (*layering*):

Refere-se às novas formas funcionais que surgem do processo de GR. De acordo com Hopper, o item que está se gramaticalizando pode ou não substituir a forma anterior, podendo, em certo caso, coexistir com outras formas. Conforme o autor, é muito frequente o uso de duas camadas ou mais para servir a funções similares, ou até mesmo, idênticas. As camadas podem ainda ser especializadas para itens lexicais particulares, classes de construções particulares, ou registros sociolinguísticos, podendo ter significados levemente diferenciados, ou serem simplesmente reconhecidos como “alternativas” estilísticas. Hopper ainda salienta que a estratificação representa meramente uma transição de uma forma gramaticalizada para a outra, alternâncias fonológicas, afixação, perífrases com verbos auxiliares podem exemplificar muito bem os diferentes graus de GR alcançado por diferentes camadas.

Divergência:

A divergência diz respeito ao uso da forma antiga e a nova forma gramaticalizada em diferentes contextos. Nesse sentido, o princípio da divergência resulta em pares ou múltiplas formas, tendo em comum a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente. A forma gramaticalizada pode ser fonologicamente idêntica à forma lexical autônoma, como aponta Meillet na formação da negação na língua francesa, por exemplo, (A forma de negação do francês '*pas*' e sua forma cognata '*pas*' (passo)). Pode ainda haver formas tão distintas cuja relação é completamente opaca, como as formas '*an*' e '*one*' do inglês.

Especialização:

O princípio da Especialização evidencia a ocorrência do item gramaticalizado; nesse caso, quanto menos chances de esse item ser substituído, maior será o seu grau de GR. De acordo com Hopper, este princípio é muito próximo da "obrigatoriedade", e leva à redução de escolha quando uma forma está completamente gramaticalizada. No entanto, na especialização há apenas uma possível mudança que pode ou não culminar com a GR de um elemento.

Um exemplo disso pode ser visto na especialização de '*pas*', que antes de se gramaticalizar com '*ne*', na negação em francês, era utilizado (especializado) somente com verbos de movimentos. Segundo Hopper, '*pas*' era uma das várias formas usadas no francês antigo para reforçar uma negação. Dessa forma verbos de movimentos eram reforçados por '*pas*' ('ele não vai um passo'), verbos de dar e comer reforçados com *mie* (ele não comeu uma migalha) etc.

Persistência:

O princípio da Persistência refere-se ao fato de um item gramaticalizado ainda guardar traços da forma original, o que pode causar estreitamento das opções de codificação de determinada função. O princípio, de acordo com Hopper, está relacionado ao significado e a função de uma forma gramatical com seu histórico como morfema lexical. Segundo o linguista, essa relação é frequentemente obscurecida no estágio de morfologização, mas durante estágios intermediários espera-se que a forma reflita um significado dominante.

O trabalho de Bybee e Pagliuca (1986), no qual se discutem os contextos em que verbos auxiliares podem assumir sua forma semântica original é, segundo Hopper, um exemplo de persistência. Dessa forma, o auxiliar '*will*', que emergiu de uma verbo volitivo, pode em certos contextos apresentar seu significado original e em outros a intenção. Nesse

sentido, a diferenças de usos de ‘will’, ‘shall’ e ‘going to’ podem ser entendidas como uma continuação de seus significados lexicais originais.

Descategorização :

A Descategorização diz respeito à perda de traços morfológicos e sintáticos de elementos de conteúdos (lexicais – nomes, verbos, adjetivos), quando a forma gramaticalizada assume propriedades de elementos funcionais (gramaticais – preposições, conjunções, advérbios). A descategorização é então aplicada ao conjunto de processos de perdas de propriedades morfossintáticas de substantivos ou verbos no processo de mudança de item lexical a elemento gramatical, ou seja, assumem atributos característicos de categorias secundárias.

2. Verbos Auxiliares e auxiliarização

Para Heine (1993:70), verbo auxiliar é um item lexical verbal que passa a exercer função de afixo/partícula funcional, a partir do qual tende a ser ao menos um pouco apagado (*bleached*) semanticamente e mais gramaticalizado para expressar uma ou mais variação de categorias verbais, mais tipicamente categorias aspectuais e modais, mas também, categorias temporal, negação e voz.

Outra definição é encontrada em Anderson (2007:07), que define verbo auxiliar como “ um elemento que em combinação com um verbo principal forma uma sentença mono clausal com algum grau de apagamento semântico (lexical) e que realiza alguma função gramatical mais ou menos definível”².

Ainda, para Machado Vieira (2004), o termo auxiliaridade é a denominação dada ao comportamento instrumental que uma unidade verbal pode desempenhar num *continuum* de sentidos/usos na língua. Definimos então que a trajetória de verbo predicador a verbo instrumental inicia-se com verbos predicadores que deixam de apresentar, de modo transparente e em determinados casos, certas propriedades relativas à sua configuração semântica e sintática prototípica de verbo principal/pleno e passa a assumir outras funções, como a de auxiliar.

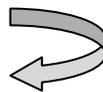
Segundo Kuteva (2001:1), no desenvolvimento de verbos principais a verbos auxiliares há uma mudança morfossintática envolvida no processo. Assim, a mudança

² No original: [...] “Auxiliary verbs can be considered to be an element that in combination with a lexical verb forms a monoclausal verb phrase with some degree of (lexical) semantic bleaching that performs some more or less definable grammatical function.”

morfossintática pela qual uma estrutura lexical passa a funcionar como uma estrutura gramatical pode ser esquematizada da seguinte forma:

(1) Verbo – complemento

(2) Marcador gramatical – verbo principal



(adaptado de Kuteva 2001:1)

De acordo com Kuteva, o processo que liga (1) a (2) não envolve somente a mudança morfossintática, mas também mudanças semânticas e fonológicas. Conforme o esquema proposto por Kuteva, verbos auxiliares não emergem de um verbo isolado, mas sim de construções nas quais os verbos são combinados com outros itens linguísticos. Em outras palavras, no curso da auxiliarização, a estrutura ‘verbo principal – complemento’ evolui para a estrutura gramatical ‘marcador gramatical – verbo principal’. Dessa forma, características como mudança de significado e redução fonética são processos que fazem parte da GR, logo o fenômeno da auxiliarização é algo intrinsecamente ligado à GR.

Para Heine (1993), a estrutura ‘marcador gramatical – verbo principal’ não é o ponto final do processo de auxiliarização. Conforme o autor, o processo de auxiliarização é tido como um *continuum* em direção a uma forma afixal – processo esse denominado pelo linguista de ‘cadeia verbo para TAM’ (Tempo, Aspecto e Modo). Tal processo pode ser observado na formação do tempo futuro da 1ª pessoa do singular em latim, como no caso do verbo *video* (vejo) que no tempo futuro se declinava para *videbo*, formado pelo sufixo *bo*, e que possuía a forma *b^h wō* – forma definida como a primeira pessoa do singular do verbo ‘ser’ usada como auxiliar. Essa forma era uma antiga construção perifrástica, resultante da junção complexa de verbo principal e um auxiliar (*vide + b^h wō*) e que, depois, tornou-se uma única forma flexional. Mais tarde, essa forma foi substituída pela forma perifrástica *videre habeo* (ver tenho), que logo passou pelo mesmo processo de *videbo* nas línguas latinas. Dessa forma, *videre habeo* tornou-se *vedere ho* > *vedrò*, na língua italiana; em português *ver hei* > *verei*. Notadamente um *continuum* de verbo para formas afixas.

O processo de GR da ‘cadeia verbo para TAM’ pode se proceder em diferentes estágios. Heine propôs 7 estágios como forma de aproximação; são eles:

Estágio A – O verbo possui sua forma plena de significado e leva um argumento que tipicamente se refere a objeto concreto, como em ‘eu vou ao mercado’.

Estágio B – O verbo possui sua forma plena, porém leva um argumento que tipicamente se refere a uma situação dinâmica, como ‘eu vou comer agora’. O complemento pode ter

diferentes formas, tais como um infinitivo, um gerúndio, um particípio, ou uma sentença completa.

Estágio C – Há neste estágio um afrouxamento das restrições quanto ao significado lexical, e o verbo adquire significado gramatical. É, também, neste estágio que os itens tendem a formar uma única unidade semântica com seus complementos, como em ‘eu vou ficar aqui’(futuro).

Estágio D – Há a perda de variedade morfológica. Itens do estágio ‘D’ perdem sua habilidade de formar imperativos, nominalização ou passiva. Itens apresentam sinais de decategorização; os verbos não se comportam mais como verbos plenos. Há menos tipos de complementos que o estágio C.

Estágio E – Neste estágio, emergem indicadores sintáticos de decategorização; há perda da capacidade de serem negados separadamente; não podem ser separados de seus complementos por topicalização. Itens nesse estágio podem começar a se cliticizar a complemento verbal e perder substância fonológica. No que tange à semântica desses itens, pode se afirmar que nesse estágio codificam significado gramatical.

Estágio F – Estágio que marca a transição de um clítico para um afixo. O item gramaticalizado ainda pode ainda carregar um acento tônico secundário.

Estágio G – O afixo se reduz fonologicamente para um afixo monossilábico sem acento tônico.

Heine (1993) também propôs algumas propriedades que são usadas como métodos para medir o grau de GR dos auxiliares. De acordo com o autor (1993:22,23), ‘baseado em observações de uma variedade de línguas, os seguintes atributos parecem estar frequentemente em conexão com a descrição de auxiliares’:

- a. Auxiliares tendem a fornecer expressões para uma pequena gama de domínios nocionais, especialmente para os domínios de tempo, aspecto e modalidade, também possível para negação e voz.
- b. Formam um conjunto fechado de unidades linguísticas.
- c. Não são manifestadamente unidade lexical nem gramatical.
- d. Também ocorrem como verbo pleno.
- e. Expressam funções gramaticais, mas apresentam, em certa medida, uma morfossintaxe verbal.
- f. Apesar de possuírem algumas propriedades verbais, eles também demonstram um reduzido comportamento verbal, possuindo, por exemplo, “paradigmas altamente defectivos”. Tipicamente podem estar associado apenas a restrita gama de distinção de

tempo/aspecto e/ou flexões verbais; não podem ser apassivados e não possuem formas imperativas; alguns autores assinalam que auxiliares não podem ser negados independentemente.

- g. Podem não ser o principal predicado (semântico) da oração.
- h. Podem possuir duas variantes livres, uma forma plena (como por exemplo *I Will go* do inglês) e a outra a forma reduzida (*I'll go*), ou ainda um é clítico e o outro afixo.
- i. Tendem a ser átonos ou incapazes de receber ênfase contrastiva.
- j. Eles tendem a ser cliticizável ou necessariamente clítico.
- k. Eles carregam todas as informações morfológicas relativas ao predicado, tais como a marcação de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação etc.
- l. A concordância com o sujeito tende também a ser marcada no auxiliar ao invés do verbo principal.
- m. Enquanto os auxiliares são partes obrigatórias de orações finitas em alguns idiomas, isso não é necessário em orações não finitas ou imperativas.
- n. Auxiliares não podem ser governados por outros auxiliares, ou apenas por um limitado número de auxiliares.
- o. Não possuem um significado próprio ou não contribuem para o sentido da frase, mas não são sinsemânticos ou sincategoremáticos ao lexema a que se aplicam.
- p. Tendem a ocorrer separadamente do verbo principal.
- q. Podem estar ligados a um elemento adjacente.
- r. Ao contrário de verbos plenos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos.

3. Constituição do *corpus*

O material atinente à modalidade escrita do dialeto suíço-alemão é formado (i)³ por cinco edições do jornal informativo da tradicional festa chamada *Basler Fasnacht* (*dr Krayejoggi* edições 2006, 2007, 2008 e 2010; e o jornal *Dr Gugge Zwärg* edições 1, 3, 4-11 e 1-12). Esses jornais são todos escritos em suíço-alemão e a escrita segue um padrão

³ O download das edições de *Gugge Zwärg* podem ser encontradas em <http://www.gugge-zwaergli.ch>; as edições de *dr Krayejoggi* estão disponíveis para downloads em <http://spale.ch/>

convencional de escrita de Basel⁴; (ii) por textos publicados em diversos blogs. Assim, na modalidade escrita temos dois gêneros textuais: blogs (BL) e reportagem jornalística (RJ).

Já os dados referentes à modalidade falada foram transcritos de programas de TV da Suíça, como o programa *Menu Surprise*; uma entrevista com Roger Federer num especial do *Credit Suisse*; um programa para o público jovem chamado *Jung, wild & sexy*; e dados provenientes do *corpus* SADS, da Universidade de Zurique, grupo coordenado pela professora Dra. Elvira Glaser. Quanto aos gêneros textuais, podemos dividir o *corpus* em dois gêneros: entrevista (EN) e reportagem televisiva (RT).

No quadro a seguir, apresentamos o total de ocorrências da construção *gaa...go*.

Tabela 1 – ocorrências da construção *gaa...go*

<i>Corpus</i>	Total de ocorrências
Escrito (internet)	176
Oral (transcrito TV)	6
Total	182

4. Análise

4.1 Aplicação das propriedades dos auxiliares e os estágios da cadeia verbo para TAM

a) Também ocorre como verbo pleno

A primeira propriedade de Heine, aplicável ao caso de ‘*gaa*’, é o fato de que auxiliares também ocorrerem como verbos plenos. O verbo ‘*gaa*’ em sua forma plena (verbo de movimento), como pode-se constatar em (03), expressa seu significado original movimento.

(03) I gang es Johr als Aupair noch San Francisco go Englisch lerne (BL)
1SG Ir DET ano CONJ Aupair para São Francisco PREP Inglês aprender

⁴ A ortografia usada no presente no *corpus* do trabalho está de acordo com a escrita de falantes suíços. O leitor poderá então encontrar variações como, por exemplo, do verbo em análise ‘ir’; em *Baslerdütsch* (dialeto da Basileia) é grafado como *goo* e pronunciado como [go:], em Zurique é grafado como *gaa* e pronunciado como [ga:], porém as diferenças existentes entre os dialetos estão mais relacionadas à pronúncia e a vocabulários regionais, ou seja, trata-se de uma variação regional do dialeto suíço-alemão.

‘Esse ano vou para São Francisco como Aupair para aprender inglês’

b) Sustenta expressão conceitual de domínio de tempo e forma um conjunto fechado de unidades linguísticas.

Uma segunda propriedade se refere o fato de haver uma formação de um conjunto de unidade linguística. Como podemos observar o conjunto ‘*gaa...go+infinitivo*’ representa em certas construções a incoatividade ou futuro próximo. No exemplo (04), podemos observar que a intenção do falante é transmitir uma ação que ocorrerá em uma determinada data, enquanto em (05) há uma pergunta sobre algo a ser feito no futuro, não especificando data. Dessa forma é possível notar que a construção denota um sentido de tempo, não de movimento. Nota-se também que a partícula ‘*go*’ nos exemplos a seguir apenas compõe o conjunto para a transmissão da mensagem, não possuindo neste caso nenhuma função semântica.

(04) Morn gang-i en neuí Wohnig go aluege (BL)
Amanhã ir-1SG DET novo Apartamento PART olhar
‘Amanhã vou olhar um novo apartamento’

(05) [...] “*wenn du mensch dini Nase isch schöner wieso gasch sie denn go operiere???*”
“Se você acha o seu nariz bonito porque você vai opera-lo então???”

wieso gasch sie denn go operiere
Por que Ir 3SG.ACC então PART operar
‘Por que vai operá-lo então?’

c) Carrega todas as informações morfológicas relativas ao predicado

Observa-se também que o verbo ‘*gaa*’ não é o predicado semântico principal da oração em que se insere, funciona apenas como auxiliar do verbo principal. Em relação às informações morfológicas do verbo predador principal nota-se que são todas carregadas pelo auxiliar ‘*gaa*’. Como demonstrado nos exemplos (06), ‘*gaa*’ se flexiona e carrega a informação de flexão de pessoa, número, e a negação é sempre posterior ao verbo *gaa*.

(06) aber jetzt gang-i no paar lüt in texas und oklahoma go bsueche(BL)
 CONJ ADV ir-1SG ainda par pessoas PREP Texas e oklahoma PART visitar.INF
 ‘mas agora vou visitar (visitarei) algumas pessoas no Texas e Oklahoma

d) Ocorre em uma ordem fixa e em uma posição fixa na cláusula

Quanto à estrutura, a construção possui uma ordem fixa que é determinada pelo tipo de sentença em que se insere. A ordem SVO, mais comum, : ‘*gaa...go+ verbo no infinitivo*’. Em sentenças relativas envolvendo a construção, a sequência deverá ser SOV: ‘*go+Verbo no infinitivo +gaa*’. Nos exemplos (07) e (08) podemos observar tais sequências da construção:

(07) Ich gang was go ichaufe
 1SG ir algo PART comprar.INF → SVO
 ‘Vou comprar algo’

(08) dass [ich was go ichaufe gang]
 PREL [1SG algo PART comprar.INF ir.1SG] → SOV
 ‘que eu vou comprar algo’

e) Ocorre separadamente do verbo principal

O verbo ‘*gaa*’ como podemos observar em todos os exemplos não sofre nenhum tipo de aglutinação ou encliticização com o verbo principal; ocorre sempre separado do verbo principal. Como os verbos principais em sentenças SVOV sempre estão no fim da oração, não há nenhuma possibilidade de haver tal aglutinação. No exemplo (09) a seguir podemos observar a posição do auxiliar e do verbo principal:

Auxiliar		Verbo Principal
↑		↑
(09)Mer göön	mit s Truffers 3 Daag go	tshumple in Jura (BL)
1PL ir.1PL	PREP DET Truffers 3 Dias	PART passear.INF LOC Jura
‘Nós vamos passear no Jura com os Truffers por 3 dias’		

f) Quando exerce a função de auxiliar, não é governado por nenhum outro auxiliar

g) Ao contrário de verbos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos.

Não encontramos nenhum caso de ‘*gaa*’ sendo governado por outro auxiliar quando exerce sua função de auxiliar um verbo predicado. Além disso, podemos também afirmar, com observação nos dados e consultando o trabalho de Keller (1961), que o verbo também não pode ser nominalizado. Por exemplo, o verbo ‘*ichaufe*’(ir as compras) pode ser nominalizado com um artigo, ‘*s’ Ichaufe*’(o ir as compras); diferente do verbo ‘*gaa*’ que não possui tal utilização.

Quanto às propriedades restantes, apresentadas por Heine, não se encaixam na construção aqui estudada. Referente a propriedade que sugere a auxiliariedade em caso de verbos associados a um elemento adjacente, notamos que no caso do verbo ‘*gaa*’ que apesar de a partícula ‘*go*’ estar próxima ao verbo ‘*gaa*’ em sentenças mais comum, não podemos considera-lo como elemento adjacente do verbo em questão por não estar sempre adjacente ao verbo. Como vimos anteriormente no caso da GR de ‘*be going to*’ há um elemento adjacente sempre presente nessa construção e inserido após ‘*be going*’, ou seja, ‘*to*’. Logo conclui-se que o ‘*gaa*’ não possui um elemento adjacente, pois ‘*gaa*’ raramente aparece posteriormente ao verbo. No exemplo (09), podemos identificar a posição ocupada por cada um em uma sentença SVOV.

	<u>Verbo auxiliar</u>					<u>‘go’ (preposição semanticamente apagado)</u>		
(09)	Ych	↑ <u>gang</u>	mi	jetzt	no	fertig	↑ <u>go</u>	aaleege" (BL)
	1SG	ir	1SG.ACC	ADV	ainda	ADJ	PART	vestir
	‘Vou me vestir agora’							

A partir das evidências até então observadas, podemos constatar e concluir que ‘*gaa*’, possui algumas características de auxiliares. Dessa forma, podemos considerá-lo um auxiliar por apresentar uma quantidade expressiva das propriedades de auxiliares propostas por Heine. A seguir listamos as propriedades acima analisadas e que se encaixam no caso de ‘*gaa*’.

Quadro 3 – *Gaa* auxiliar e as propriedades semânticas de Heine (1993)

Gaa auxiliar e as propriedades semânticas de Heine (1993)

- Sustenta expressão conceitual para o domínio de tempo.
- Forma um conjunto fechado de unidades linguísticas.
- Também ocorre como verbo pleno.

- Não é o principal predicado (semântico) da oração.
 - Carrega todas as informações morfológicas relativas ao predicado [...].
 - Ocorre separadamente do verbo principal.
 - Está ligado a um elemento adjacente.
 - Ao contrário de verbos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos.
 - Ocorre em uma ordem fixa e em uma posição fixa na cláusula. (a depender da composição da sentença (SOV ou SVO))
-

Quanto aos estágios “verbo para TAM” propostos por Heine, há uma sequência de estágios de ‘A’ a ‘G’, que evidenciam a perda semântica de verbos e os estágios que evidenciam a formação de uma perífrase vão de ‘A’ a ‘C’. Os outros estágios, ‘D’ a ‘G’, apresentam estágios que levam a origem de um afixo. Aplicando os estágios de A a C ao caso de ‘*gaa...go*’ podemos constatar as seguintes conclusões:

Segundo Heine, no estágio inicial,A, o verbo em sua forma plena leva um argumento que tipicamente se refere a um objeto concreto. Podemos observar na ocorrência em (10), a seguir, que o verbo ‘*gaa*’ expressa seu significado de movimento/locomoção, há apenas a menção de movimento rumo a um local.

(10) *ich gang immer in Luzern* (BL)

1SG Ir.1SG sempre LOC Luzern

“Eu sempre vou a Luzern”

Em estágio posterior,B, o verbo ainda possui seu significado pleno, mas leva um complemento verbal que se refere a uma situação dinâmica, que pode ser expresso de diferentes formas, tais como um infinitivo, um gerúndio, um particípio. No caso de ‘*gaa*’, seu complemento passa a ser um infinitivo. É o que se observa no exemplo (11), em que o verbo indica um movimento a um determinado local com uma finalidade ‘centro – aproveitar o dia’.

(11)[...] *ond gönd den Downtown euse Tag go usschwemme* (BL)

CONJ Ir.1PL DET.ACC Centro POSS.1PL dia PART aproveitar.INF

‘...e vamos ao centro para aproveitar o nosso dia’

A partir daí, C, as restrições a certos verbos predicados se afrouxam e o verbo adquire certo significado gramatical. O verbo pode apresentar até mesmo um complemento no qual o verbo seja etimologicamente idêntico, como se vê em (12), no qual o verbo *fahre* tem significado de ‘ir’ mas ‘ir de carro’, ou seja, um verbo de movimento. Vejam-se os exemplos:

- (12) wo gasch du go fahre? (BL)
Onde ir 2SG PART ir de carro.INF
‘Onde você vai ir (de carro)?’

Em estágio mais avançado, de acordo com Heine, normalmente há uma relação com duração, velocidade ou características adjacentes ao evento denotado. Uma diferença em relação ao estágio anterior é que, nessa fase, os itens tendem a formar uma única unidade semântica com seus complementos. Percebemos, então, que é nesta fase em que se dá início ao apagamento semântico do auxiliar, que passa a compor junto com ao verbo auxiliado uma só unidade:

- (13) ja verdammt! und jetzt gang entli go sterbe :D :tot: (BL)
Sim maldito! CONJ agora Ir.1SG finalmente PART morrer.INF morto
‘sim maldito! E agora finalmente eu vou morrer :D : morto:’

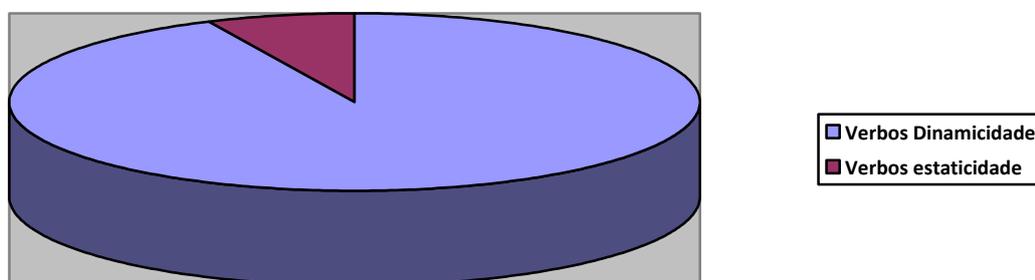
4.2. A integração do verbo *gaa* com verbos predicadores

Nesta seção, temos como objetivo demonstrar a integração do verbo *gaa* com as diferentes naturezas semânticas dos verbos infinitivos que aparecem como predicados nas sentenças, evidenciando assim as classes semânticas podem aparecer numa sentença com a construção. Assim, conforme a classificação de Chafe (1979) há duas categorias em que os verbos se dividem: dinâmicos e estativos. Dentro da categoria dinâmica, os verbos se subdividem em: **verbos de ação**, que expressam uma atividade realizada pelo sujeito agente (ir, dançar, nadar); **verbos de processo**, que expressam um evento ou uma sucessão de eventos que afetam o sujeito paciente ou experienciador, expressam um ACONTECER (ele acordou, a chuva parou); e verbos **ação-processo**, em que há ao mesmo tempo um FAZER e um ACONTECER (Maria estragou o computador, João bateu o carro). Na categoria estativo, os verbos de estados se subdividem em verbos existenciais, locativos, epistêmicos, perceptivos, psicológicos e copulativos. Essa análise se torna importante visto que ocorrências de *gaa* apenas com verbos da classe semântica de ação podem configurar apenas

como construções que expressam ‘um movimento rumo a determinado local para realização de determinada tarefa’; enquanto usos de outros verbos poderiam evidenciar que a construção pode ser usada com verbos de outras classes semânticas e como consequência disso seu uso também poderia expandir e tornar-se uma forma de expressar um tempo verbal, passando assim a referir-se a um domínio funcional.

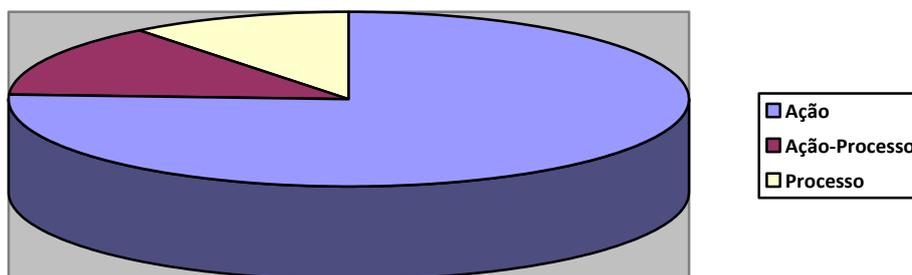
Dos enunciados do *corpus* (182 casos), há 71 verbos combinados ao auxiliar *gaa*, sendo possível encontrar 66 ocorrências com verbos que se encaixam na categoria dinâmicos e apenas 5 que se encaixam na categoria estáticos (aguardar, morar, conhecer, ver, escutar).

Gráfico 1- Verbos estáticos e dinâmicos



Dentro da categoria verbos dinâmicos, podemos encontrar 50 verbos de ação, 7 verbos de processos (tais como: dormir, esquecer, morrer, acordar etc.) e 9 verbos de ação-processo (tais como gastar (dinheiro), fechar (bolsa, porta), matar etc.):

Gráfico 2 – Subdivisão verbos dinâmicos



Não foi encontrado, entre os dados, verbos de sensação, existência e psicológicos como pensar, lembrar, entender, decidir, ser/estar, ficar, ter; como complementos de *gaa*. É possível que tais classes de verbos ainda causem estranheza aos falantes se combinados com o verbo *gaa*. Além disso, há outras opções para a formação do futuro: o falante pode usá-los no

presente com sentido de futuro ou também usá-los com o auxiliar *werde*. No entanto, segundo alguns falantes é possível a formação de *gaa...go* e o verbo *nache dünke* (pensar, refletir sobre algum assunto).

(14) Ich gang über s problem go nache dünke (EN)

1SG ir.1SG PREP DET problema PART pensar

‘Vou pensar sobre o problema’

A explicação para o grande número de verbos dinâmicos (a maioria de ação) é devido ao fato de a construção ter mais intuito de se referir ao futuro imediato. Dessa forma a predição é sempre sobre algo a ser feito, algo que o falante planeja fazer. Como analisamos algumas sentenças do verbo ‘ir’ do português no capítulo I, notamos que na GR de verbo de movimento há um estágio entre a passagem de futuro próximo para futuro. Contatamos que o estágio ‘futuro próximo’ apresenta mais ações a serem realizadas, intenção e algumas ações futuras. A passagem de ‘futuro próximo’ para ‘futuro simples’ é caracterizada pelo aumento de verbos estáticos, já que tais classes semânticas não se referem a ações a serem realizadas de imediato.

Alguns contextos em que um verbo de movimento aparece com verbos de ação como complementos, pode, segundo Heine (1993), caracterizar num contexto de ambiguidade, pois pode haver dois contextos diferentes simultaneamente. Há de fato exemplos de sentenças com ambiguidade, no entanto, outras sentenças apontam para uma realização de algo a ser feito pelo falante, como uma decisão ou algo planejado. Grande parte dos exemplos apresentava um advérbio (amanhã, próximo mês, dias da semana, próximo ano) acompanhando a construção, evidenciando assim que as sentenças se referiam a um futuro imediato ou intenção. Nos exemplos (15) e (16), respectivamente, podemos verificar o uso de advérbios com os verbos de ação e ação-processo. É possível também haver construções com condicional, em que há planos, mas não se pode ter tanta certeza se de fato se concretizará (17). Com verbos estativos como ‘esperar’/‘aguardar’ observa-se que o contexto de ambiguidade não é mais possível (18).

(15) morn gangi go ne handy chauffe ! (BL)

amanhã ir-1SG PART DET celular comprar!

‘amanhã vou comprar um celular’

(16) und morn gang-i denn no go s letste geld verprasse!!(BL)
CONJ amanhã ir-1SG então ainda PART DET último dinheiro gastar!!
“ E amanhã eu ainda vou gastar o último dinheiro”

(17)“*Wenn ich s nächschte Mal in München bin, gangi die Fischchatz go aluege* (BL)
Se eu estiver em Munique na próxima vez, vou olhar o Fischatz

Gang-i die Fischchatz go aluege”
Ir-1SG DET Fischchatz PART olhar (contemplar)
‘...vou olhar o Fischchatz’

(18)[..] “*Und de gang-i de au go warte so lang bis usä chömed und Autogramm gebed*”
E eu também vou esperar lá até que eles venham e dê Autografo. (BL)

Und de gang-i de au go warte so lang (BL)
E DET ir-1SG lá também PART esperar muito tempo
“ E eu também vou esperar lá até que...”

4.3. Os princípios de Gramaticalização de Hopper

Dos cinco princípios de GR Hopper (estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização), apresentados anteriormente, podemos aplicar todos à construção *gaa..go* do dialeto suíço-alemão. Como os princípios propostos pelo autor são para itens cuja GR está em um estágio inicial, podemos então aplicá-los ao verbo ‘*gaa*’ que na construção em análise passou, em certos contextos, a exercer o papel de marcador de futuro próximo.

A Estratificação

O primeiro princípio, da **estratificação**, postula que dentro de um domínio funcional, novas camadas estão continuamente emergindo, enquanto isso acontece, camadas velhas não são descartadas, mas continuam a existir e a interagir com as camadas mais novas. O “domínio funcional” é entendido por Hopper como alguma área geral funcional – tempo, aspecto, modalidade. Conforme o autor, as camadas podem ainda ser especializadas por itens lexicais particulares, classes particulares de construções. Como o próprio Hopper afirma,

nuances de ‘tempo futuro’ podem ser muito ricas. Assim, no dialeto suíço alemão podemos encontrar três camadas coexistentes num domínio funcional: o uso do presente para se referir ao futuro (20); o uso do auxiliar *werde* (21); e o uso da construção *gaa+go* (22) e (23). Para tal conclusão podemos nos recorrer a duas informações. A primeira é a afirmação de Westik (2000:246) que com base em análises empíricas sugere que o uso de ‘*werden*’ como marcador de tempo futuro tenha emergido na primeira década do século 14 nas áreas onde hoje correspondem aos dialetos do médio alemão (leste) e alto alemão (região central), antes disso havia apenas dois tempos na língua presente e passado. A segunda é afirmação de Baur (1977: 107) que diz que não é correto usar ‘*weerde*’ (forma suíça-alemã de *werden*) para se referir o futuro, o correto é o uso do tempo presente com advérbios. O suíço-alemão guarda ainda muitas formas arcaicas dos antigos dialetos falados na região como verbos e o uso do presente para se referir ao futuro. Dessa forma podemos afirmar que a forma de se referir ao futuro com o tempo presente é uma camada antiga e o uso de ‘*weerde*’ como uma camada nova. Como uma camada mais nova podemos sugerir ‘*gaa...go*’, uma vez que não encontramos tantos dados com outras classes de verbo senão a de ação. Nos exemplos a seguir podemos ver o uso de cada uma das formas.

(20) Negst Woche schaffe ich nöd (BL)

Próxima semana trabalhar 1SG não
 ‘próxima semana não trabalho’

(21) morn wirsch du mit neue Gefühl ufwachä (BL)

Amanhã AUX.FUT 2SG com novo sentimento acordar.INF
 “Amanhã você acordará com novo sentimento”

(22) do gang ich go wohne in e paar Mönnet (BL)

ADV ir 1SG PART morar PREP DET par Meses
 ‘vou morar lá por alguns meses’

(23) negst Wuche gönd mir die potenzieli Tagesmuetter go kennelerne. (BL)

Próxima semana ir 1PL DET potencial babá PART conhecer.INF
 “Próxima semana nós vamos conhecer a possível babá”

Em vista do exposto, as camadas existentes no suíço-alemão podem ser entendidas como:

‘ <i>gaa...go</i> ’	(camada mais nova)
Auxiliar ‘ <i>werde</i> ’	(camada nova)
Tempo Presente (para se referir ao futuro)	(camada antiga)

A Divergência

Quanto ao princípio da **divergência**, é o princípio que por meio da GR resulta em pares ou múltiplas formas tendo em comum uma origem etimológica, mas divergindo funcionalmente. Podemos notar que a construção ‘*gaa...go*’ é usada em dois contextos diferentes. Em (24) a construção está mais relacionada a uma predição, algo que o falante planeja fazer no futuro, a função do verbo de movimento nesse caso apresenta uma função mais gramatical. Em (24) a construção é usada num sentido de movimento a algum lugar para realizar determinada tarefa, ou seja, seu uso como verbo de movimento.

(24) “*Merci! Jo, i letster Zit sinds recht oft unterwegs gsi: Paganfest, baden in Blut, Summer breeze.. Abo live chani nöd gnueg ha vo ine, drum gangi si bald wider go luege.. Im Oktober chömets glaubs wider hehe. Du hesch si au scho live gseh?*” (BL)

“...drum gangi si bald wider go luege”

Por isso Ir-1S 3PL.ACC breve de novo PART ver.INF

‘ por isso em breve os verei de novo ’

(25) “*Lieber gosch Hei go wixe als das e schnelli Nummere machsch und wenn d kei Kondom debii hesch*” (RT)

Lieber gosch Hei go wixe als e schelli Nummere mach-sch
Preferível ir.2SG Casa PART masturbar CONJ DET rápido sexo Fazer-2SG

‘ Preferível que você vá para casa se masturbar do que fazer sexo rápido... ’

A Especialização

Como está num estágio inicial, a construção que se refere ao futuro, pode em muitos casos, ser substituída pelo verbo auxiliar ‘*werde*’, auxiliar que pode ter como verbo principal qualquer verbo. Em relação ao auxiliar *gaa*, como vimos na seção anterior, não é possível encontrar, ao menos em textos, *gaa...go* e o verbo *sii* (ser ou estar) e outros verbos estativos. Verifica-se, assim, de acordo com o princípio da **especialização**, que a construção ainda não atingiu um grau tão elevado quanto ao uso de marcador de futuro do presente, no entanto seu uso para expressar o futuro imediato é bastante expressivo. Podemos afirmar de acordo com os resultados obtidos de verbos dinâmicos e estativos, que a construção no atual estágio se especializou em construções de futuro imediato com verbos de ação para se referir na maioria das vezes a uma situação iminente.

(26) morn gang-i am mami go schuel zeige (BL)

Amanhã Ir-1SG PREP mamãe PART escola mostrar

“Amanhã vou mostrar a escola para a mamãe”

(27) Ich go mit de CentralHeli vo Megge am Flugplatz Buttwil go flüüge!

1SG ir CONJ DET CentralHeli PREP Megge PREP Aeroporto Buttwill PART voar

‘ Vou voar com a CentralHeli de Megge no Aeroporto Buttwill’ (BL)

A Persistência

O princípio da **persistência** postula que quando um morfema se gramaticaliza do estágio de função lexical para gramatical alguns traços da forma lexical podem permanecer na nova forma gramatical. Como foi evidenciado nos capítulos anteriores ‘*gaa...go*’ se gramaticalizou em contextos os quais havia movimento rumo a um lugar ou direção para a realização de uma meta. Como podemos observar no (28) abaixo há uma indicação de um lugar (a casa do pai) e a realização da tarefa que é a visitar, ou seja, o verbo com valor de movimento. Quando a sentença é usada num sentido de deslocamento no tempo vemos que apesar da omissão do local a sentença ainda pode ser entendida como um movimento a um local para a realização de uma tarefa (29). Podemos perceber que o verbo ainda reflete funções do estágio inicial da construção, podendo ser interpretado tanto como verbo de movimento quanto de um verbo auxiliar do complemento verbal.

(28) Ich gang i.d Schtadt min Vater go bsueche (BL)
 1SG ir.1SG LOC.DET cidade POSS.1SG pai PART visitor.INF
 ‘vou para a cidade visitar meu pai

(29) ich gang mine alte beschte kolleg und kollegin go bsueche (BL)
 1SG ir.1SG POSS velhos melhores amigos CONJ amigas PART visitar.INF
 “ Vou visitar meus melhores amigos e amigas”

Dessa forma podemos interpretar a sentence em (29) tanto como um movimento quanto deslocamento no tempo, a intenção intenção de visitar os melhores amigos.

A Descategorização

E por fim, em relação à descategorização, observamos que o verbo ‘*gaa*’ passou a desempenhar o papel de auxiliar em sentenças como (30) e (31). Nota-se que, de verbo pleno, o item passa a desempenhar função gramatical, de auxiliar, evidenciando o princípio da **Descategorização**. Como pudemos observar em vários exemplos dados anteriormente, a construção inicial tinha como intuito transmitir a ideia de movimento a um local para realização de uma determinada tarefa. Nos exemplos abaixo notamos que o verbo de movimento ‘*gaa*’ perdeu a propriedade de ser centro de predicação, propriedade de verbo pleno. Assim, com base nesses exemplos pode se afirmar que há uma descategorização, pois o verbo não exerce sua função de verbo pleno, mas sim uma função gramatical, ou seja, a função de auxiliar, demonstrando dessa forma uma mudança de categoria. É possível verificar nos exemplos (96) e (97) que os verbos principais *lose* e *weckä* são os centros da predicação e não ‘*gaa*’.

(30) und wenns dir nid gfallt, den gang doch anders züüg go lose.
 E COND 2SG.ACC NEG agradar ADVir.1SG ADV outra música PART ouvir
 “ e se não te agradar, aí eu vou escutar outra música” (BL)

(31)“...und will d'chinde meischtens scho am morge vorem ahti ufstönd und alli chefs gönd go weckä, chunnt mer nöd grad unbedingt viel schlaf über” (BL)

“... e pelo fato da maioria das crianças já levantarem de manhã antes das oito e todos os guias vão acordar, aí não se pode dormir muito”

Alli chefs gönd go weckä
Todos guias ir.1PL PART acordar
' todos os guias vão acordar'

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma análise da GR do verbo holandês ‘*gaan*’ (ir) feita por Ten Cate (1991 apud Hilpert 2008), o autor constatou que a ocorrência de *gaan* sofria restrições quanto a verbos estativos como *hebben* ‘ter’ e *zijn* ‘ser’, verbos que podem ser livremente combinados ao tradicional auxiliar *zullen* (comentado na seção sobre auxiliares). O mesmo pode ser observado com os auxiliares ‘*werde*’ e ‘*gaa*’, que como vimos, ‘*gaa*’ não pode ser encontrado auxiliando muitos verbos estativos ainda. Ten Cate também observou que *gaan* é preferível se um evento futuro resulta de uma causa presente como, por exemplo, a intenção de um agente. Observamos que a intenção nos exemplos dados era uma das principais ocorrências encontradas, principalmente por encontrarmos muitos exemplos com a primeira pessoa do singular. A conclusão do trabalho de Cate é de que *gaan* codifica incoatividade e futuro próximo, enquanto *zullen* é usado para marcar eventos num futuro mais distante. Como podemos observar por meio de vários exemplos, a construção *gaa...go* aparece muitas vezes acompanhada de advérbios de tempo, o que demonstra aspectos de incoatividade e futuro imediato/próximo. Encontramos casos nos quais *werde* apresentava um futuro próximo, mas com verbos aos quais *gaa* ainda não pode auxiliar (estativos). Dessa forma, podemos destacar o papel da frequência no futuro de ambos os morfemas: Uma frequência maior da construção *gaa...go* pode causar dois resultados: a primeira é uma gama maior de verbos que podem ser combinados com o verbo *gaa*; e a segunda é especialização da forma *gaa...go* somente para se referir ao futuro e como consequência disso o desuso, ou menor uso, do auxiliar ‘*werde*’ para se referir ao tempo futuro.

Com base nas análises apresentadas à luz da teoria da GR (que incluem os princípios de Hopper, a auxiliarização de Heine, processos cognitivos proposto por Bybee *et alli*), pôde-se atestar que o verbo *gaa* é um item lexical que está passando por um processo de GR, pois observamos que o verbo passou a exercer funções gramaticais em certos contextos. No entanto, ao nos depararmos com fatos como o uso paralelo da nova e velha forma e o pequeno

número de verbos estativos aos quais a construção pode estar associada, podemos afirmar e concluir que a GR de ‘*gaa*’ como auxiliar ainda se encontra em um estágio incipiente.

Em relação ao caráter gramatical que o verbo passou a exercer pudemos constatá-lo através das análises de auxiliarização de *gaa*, função também comprovada por meio da aplicação das propriedades de Heine (1993). A verificação do caráter de auxiliar pôde também ser constatada por meio do princípio da descategorização, que evidenciou a passagem da função lexical de *gaa* (como verbo de movimento) para a função gramatical, demonstrando dessa forma o caráter gramatical que o verbo passou a exercer devido a GR.

A análise dos dados mostrou que a construção é muito usada para se referir à iminência, e o futuro iminente pode ser classificado como uma especialização da construção. Fora da classe semântica de verbos de ação, há poucos verbos estativos combinados com *gaa* e não encontramos sujeitos inanimados ou o pronome neutro ‘*es*’ associado ao verbo.

Vistas tais observações, concluímos que, apesar de estar em estágio incipiente, pode se afirmar que mais uma vez um verbo de movimento é empregado em uma língua para a marcação de futuridade ou intenção. A evidência disso é como pudemos ver : o uso do verbo como auxiliar e algumas classes semânticas de verbos predicadores aos quais seu uso está se estendendo, verbos que não marcam somente ação, mas estaticidade, como o verbo ‘*wohne*’ (morar). Dessa forma o verbo *gaa*, passa a integrar casos de verbos de movimentos que são ‘predestinados’ a se gramaticalizar como marcadores de futuridade, reforçando assim a teoria dos aspectos cognitivos na linguagem humana.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Gregory D.S. *Auxiliary Verb Constructions*. New York: Oxford University Press.2006.
- BAUR, Arthur: *Schwyzertüütsch. «Grüezi mitenand.» Praktische Sprachlehre des Schweizerdeutschen*. (faktisch: Zürichdeutschen). Winterthur 1969.
- BYBEE, Joan. *Cognitive processes in grammaticalization*. In M. Tomasello (ed.) *The New Psychology of Language, Volume II*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc, 2003a 145-167.
- BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003b.
- BYBEE, J.;PAGLIUCA, W.*The evolution of future meaning*. In *Historical Semantics, Historical Word Formation*, ed. J. Fisiak. The Hague: Mouton.1985.
- BYBEE, Joan. *Language, Usage & Cognition*. Cambridge University Press.New York.2010.
- CHAFE, W. The Flow of Thought and the Flow of Language. In Givon, T. (ed.). *Syntax and Semantics*, Vol. 12. New York: Academic Press.1979.
- CROFT, W. *Explaining Language Change: An Evolutionary Approach*.Longman Linguistics.London.2000.
- ECKARDT, R. *Meaning Change in Grammaticalization. An Inquiry into Semantic Reanalysis*. Oxford: Oxford University Press.2006.
- FLEISCHMAN, Suzanne. *The futur in thought and language – diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- FUCHS, Harry; SCHREIER, G. Paul. *Swiss German is simply beautiful*.Expat Solutions. SteinHausen, Switzerland. 2004.
- GLASER, Elvira; FREY, Natascha (Hrsg.): Empirische Studien zur Verbverdoppelung in schweizerdeutschen Dialekten. (*Themenheft Linguistik Online 45/1*), 2011. http://www.linguistik-online.org/45_1/
- HEINE, B; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1991.
- HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, P. J. "On some principles of grammaticization". In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.

KELLER, Rudolf E. *German Dialects: Phonology and morphology*. Manchester University Press, 1961.

KUTEVA, T. 2001. *Auxiliation - An Enquiry into the Nature of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press.

LEEMANN, Adrian, *Swiss German Intonation Patterns*. John Benjamins B.V. Amsterdam 2012 (Studies in language variation 10).

LÖTSCHER, Andreas. 1993. Zur Genese der Verbverdoppelung bei gaa, choo, laa, aafaa ("gehen", "kommen", "lassen", "anfangen") im Schweizerdeutschen. In *Dialektsyntax*, ed. by Werner Abraham and Josef Bayer, 180–200. Opladen: Westdeutscher Verlag.

MACHADO-VIEIRA, M. dos S. *Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade*. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro; UFRJ, 2003.

NÜBLING, Damaris. *kurzverben in germanischen Sprachen*. Unterschiedlich Wege gleich ziele. IN: ZDL 62(1995),p. 127 -154.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press.2002.

WESTVIK, Olaf Jansen. 2000. "Über Herkunft und Geschichte des werden-Futurs. Eine Auseinander-setzung mit neuerer und neuester Forschung". In Gerd Richter, Jörg Riecke & Britt-Marie Schuster (eds), *Raum, Zeit, Medium – Sprache und ihre Determinanten. Festschrift für Hans Ramge zum 60. Geburtstag*, 235–261. Darmstadt: Hessische Historische Kommission